

MUSEU DA VIDA/ CASA DE OSWALDO CRUZ / FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DA CIÊNCIA / UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FUNDAÇÃO CECIERJ  
MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS  
INSTITUTO DE PESQUISA JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIVULGAÇÃO  
E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

**Marcelo Gigliotti**

**A maconha na imprensa brasileira:**  
uma análise da cobertura do *Globo* e da *Folha de São Paulo*

Rio de Janeiro

Março/2020

Marcelo Gigliotti

**A maconha na imprensa brasileira:**  
uma análise da cobertura do *Globo* e da *Folha de São Paulo*

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Divulgação e Popularização da Ciência.

Orientador: Luís Amorim

Rio de Janeiro

Março/2020

Gigliotti, Marcelo Gigliotti Machado.

A maconha na imprensa brasileira: uma análise da cobertura do *Globo* e da *Folha de São Paulo*/ Marcelo Gigliotti. — 2020. 45f: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida; Universidade Federal do Rio de Janeiro. Casa da Ciência; Fundação CECIERJ; Museu de Astronomia e Ciências Afins; Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.

Orientador: Luís Amorim

1. Divulgação científica. Maconha. Políticas públicas. Saúde. Imprensa brasileira.

I. A maconha na imprensa brasileira: uma análise da cobertura do *Globo* e da *Folha de São Paulo*

Marcelo Gigliotti

**A maconha na imprensa brasileira:**  
uma análise da cobertura do *Globo* e da *Folha de São Paulo*

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Divulgação e Popularização da Ciência.

Orientador: Luís Amorim

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

Banca Examinadora

---

Marina Ramalho, doutora, Fundação Oswaldo Cruz

---

Marcelo Garcia, mestre, Fundação Oswaldo Cruz

## RESUMO

GIGLIOTTI, Marcelo. **A maconha na imprensa brasileira**: uma análise da cobertura do *Globo* e da *Folha de São Paulo*. 2020. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida; Universidade Federal do Rio de Janeiro. Casa da Ciência; Fundação CECIERJ; Museu de Astronomia e Ciências Afins; Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2020.

O objetivo do estudo foi mapear a cobertura sobre a maconha na grande imprensa brasileira em 2019, buscando os enfoques mais frequentes. Partiu-se da percepção que esta cobertura apresentou mais enfoques não-policiais, privilegiando abordagens sobre políticas públicas e potencial terapêutico da *cannabis* medicinal. Foi feito um levantamento nos sites dos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*, sobre material publicado entre abril e agosto de 2019. Foram encontrados 204 textos com a palavra-chave “maconha”. Deste total, 148 apresentavam abordagem não-policial, contra 56 com enfoque estritamente policial. Dentre os 148 textos com abordagem não-policial, os enquadramentos mais frequentes foram políticas públicas (84 textos), controvérsias (57), ciência (42) e potencial de negócios (27). Os dados da pesquisa indicam que houve pluralidade de vozes envolvidas no debate sobre a maconha, envolvendo membros da sociedade, do meio científico e do governo. Os resultados indicam que a cobertura sobre maconha trouxe diversidade de temas, com mais informação qualificada do que apenas o noticiário policial, ajudando, assim, na qualificação do debate público sobre o tema e cumprindo um papel relevante na divulgação científica e na promoção da Saúde Pública e da Ciência.

Palavras-chave: Divulgação científica. Maconha. Políticas públicas. Saúde. Imprensa brasileira.

## ABSTRACT

GIGLIOTTI, Marcelo. **A maconha na imprensa brasileira: uma análise da cobertura do *Globo* e da *Folha de São Paulo*. 2020. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida; Universidade Federal do Rio de Janeiro. Casa da Ciência; Fundação CECIERJ; Museu de Astronomia e Ciências Afins; Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2020.**

The aim of the study was to map the coverage of marijuana in the major Brazilian press in 2019, seeking the most frequent approaches. It started from the perception that this coverage presented more non-police approaches, privileging approaches on public policies and therapeutic potential of medicinal cannabis. A survey was carried out on the websites of the newspapers *O Globo* and *Folha de São Paulo*, about material published between April and August 2019. 204 texts were found with the keyword “marijuana”. Of this total, 148 had a non-police approach, compared to 56 with a strictly police approach. Among the 148 texts with a non-police approach, the most frequent frameworks were public policies (84 texts), controversies (57), science (42) and business potential (27). The survey data indicates that there was a plurality of voices involved in the marijuana debate, involving members of society, the scientific community and the government. The results indicate that the coverage of marijuana brought a diversity of themes, with more qualified information than just the police news, thus helping in the complexification of the public debate on the theme and fulfilling a relevant role in science communication and in the promotion of Public Health and Science.

Keywords: Science communication. Marijuana. Public policies. Health. Brazilian press.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	Relação entre textos não-policiais e policiais.....	29
Gráfico 2	Resultado de códigos de enquadramento da notícia.....	30
Gráfico 3	Tipo de uso de maconha abordado .....	31
Gráfico 4	Resultado Tipo de texto jornalístico .....	32

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Definição de códigos de enquadramento.....	18
Quadro 2	Definição de códigos de tipo de texto jornalístico.....	20
Quadro 3	Definição de códigos de tipo de uso.....	22
Quadro 4	Definição de códigos de fonte da informação.....	24



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>METODOLOGIA</b>	14
DEFINIÇÃO DO CORPUS	14
CODIFICAÇÃO	17
Códigos de Enquadramento	17
Códigos de Tipo de texto	20
Códigos de Tipo de uso	22
Códigos de Fonte da informação	23
<b>RESULTADOS</b>	28
Resultado Enfoque não-policial x policial	28
Resultado Enquadramento	29
Resultado Tipo de uso	30
Resultado Tipo de texto	31
Resultado Fonte da informação	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	35
<b>REFERÊNCIAS</b>	38

## INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui proposta pretende estudar a cobertura do tema maconha feita em dois jornais da grande imprensa brasileira. A ideia do projeto surgiu da percepção de que a abordagem jornalística sobre a maconha tem ganhado um debate mais qualificado e um espaço significativo na pauta dos grandes jornais, saindo apenas do radar da cobertura policial.

O debate sobre o tema, realmente, se mostra relevante: a maconha é, apesar de ilícita, uma droga de grande penetração em diferentes estratos sociais. Segundo o III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira, realizado pela Fundação Oswaldo Cruz (BASTOS et al, 2017), a maconha é usada por dois milhões de brasileiros, sendo a droga ilícita mais consumida no país.

A percepção de uma maior cobertura do tema pela imprensa foi colocada, já em 2014, por Berlinck (2014). Em editorial para a Revista Latino Americana de Psicopatologia, numa perspectiva internacional, ele dizia que a “a imprensa abriu espaços para tratar da maconha (marijuana, cannabis sativa). A novidade, em resumo, é que ela está deixando de ser droga ilícita e, pouco a pouco, passa a ser droga lícita” (BERLINCK, 2014, p. 11).

Berlinck (2014) faz um apanhado da legalização em diferentes países e, principalmente, com a legalização da venda em diferentes Estados nos Estados Unidos da América, e termina por discutir a questão psicotrópica da droga, destacando que ela não é mais danosa do que o álcool ou o tabaco: “Tudo indica que as razões psicopatológicas são desculpas para o controle de uma droga que poderia competir com, por exemplo, o tabaco ou o álcool. Como bem observa Barak Obama, presidente dos EUA, a maconha não é mais perigosa do que o álcool. Ele não disse, entretanto, que o álcool (ou o tabaco) é mais nocivo que o baseado” (BERLINCK, 2014, p. 12).

No Brasil, porém, como apontam estudiosos, em um contexto de proibicionismo, a sociedade enfrenta os efeitos colaterais do combate ao tráfico de drogas como violência, morte, balas perdidas, e outros danos especialmente nas comunidades mais carentes, como as favelas do Rio de Janeiro (LEMGRUBER, J.; FERNANDES, M. 2015).

Outro tema com atenção crescente é o debate sobre as propriedades

terapêuticas da maconha (que ganha o nome de *cannabis* medicinal), cuja regulamentação esteve em curso em 2019, com ampla cobertura.

O tratamento dado aos usuários de maconha também é objeto de debates e de políticas públicas, seja do ponto de vista da saúde como da legislação de porte e uso pessoal.

É, portanto, sobre um conjunto de circunstâncias que tornam a questão da maconha bem mais complexa do que um caso de polícia que este estudo pretendeu se debruçar, uma vez que o debate sobre a maconha na imprensa brasileira tem se dado sobre esta teia de aspectos acima mencionados.

Para investigar esta percepção inicial, foi realizado um levantamento dos textos jornalísticos relacionados ao tema publicados nos sites dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo*, de abril a agosto de 2019, que será melhor explicado no capítulo seguinte.

Assim como nossa análise, reportagens sobre maconha publicadas pela *Folha de São Paulo*, porém em outro período, entre 2010 e 2012 já haviam sido objeto de pesquisa (SOUZA, Y.; SANTOS, M.; ALÉSSIO, R. 2018).

Os autores analisaram 489 matérias baseando-se em dois eixos temáticos: repressão policial ao tráfico de drogas e tensões normativas do uso medicinal e recreativo. Os resultados apontam para a mudança da dimensão simbólica da maconha na imprensa, de caso de polícia para caso de política:

“Os resultados trabalhados não parecem apontar uma forma única de construção da maconha, que aparece tematizada por dois universos de discurso: a repressão policial e a tensão normativa atrelada às suas formas e finalidades de consumo. É possível afirmar que os usos da maconha e seu status legal são os principais elementos que estruturam a divisão dos dados em dois campos discursivos que se opõem. O caráter ilícito da maconha, que aparece no segundo eixo, adquire novos contornos e aparece como uma questão política (e não mais como um problema de polícia), visto que ele põe em pauta princípios geradores de tomadas de posição a respeito de diferentes modos de uso (terapêutico e recreativo), em dimensões públicas e privadas. A maconha é, assim, distanciada do discurso do tráfico de drogas e evidencia processos de negociação simbólica em torno do objeto.” (SOUZA, Y.; SANTOS, M.; ALÉSSIO, R. 2018, p. 9).

Outro estudo mais antigo e de escopo mais amplo, de Noto et al (2003), buscou analisar a cobertura da imprensa escrita, a partir da coleta de matérias publicadas em 1998 em diferentes jornais, como Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, O Povo (de Fortaleza, Ceará), e revistas, como Veja, Isto É, Época, entre outras. Após a análise de 502 matérias, os resultados mostram que entre os psicotrópicos mais evidenciados nas manchetes destacaram-se o cigarro comum

(18,1%), derivados da coca (9,2%), maconha (9,2%), bebidas alcoólicas (8,6%) e anabolizantes (7,4%). Em contrapartida, os solventes, que, afirmam os autores, são os psicotrópicos mais usados no Brasil (excetuando-se o álcool e o tabaco), foram evidenciados em apenas um artigo.

Um dos principais resultados do artigo apontou um descompasso entre o enfoque jornalístico e o perfil epidemiológico do consumo de psicotrópicos no Brasil.

Os autores relatam ainda que a dependência foi a consequência mencionada com maior frequência nos artigos (46%), seguida de violência (9,2%), síndrome de abstinência (8,0%) e AIDS (6,8%).

O achado mais relevante, porém, para este estudo, mostra que os artigos apresentaram diferentes enfoques de acordo com a droga em questão: “Enquanto para a maconha prevaleceram os artigos sobre o seu uso terapêutico e a descriminalização, para a cocaína predominaram temas relacionados aos danos decorrentes do uso, ao tratamento e à repressão”.

Apesar de circunscrito ao ano de coleta, é relevante que o resultado mostre já naquele período a imprensa trazendo um debate mais focado no uso terapêutico e na descriminalização da maconha.

Dentro do contexto acima, da importância do debate sobre a maconha para a sociedade e do papel da mídia, já estudado em certa medida dentro deste cenário, acreditamos que é válido pensar o papel da divulgação científica.

Levando em conta a complexidade do tema, algumas vezes ainda tratado como caso de polícia e em outras tratado como tema de saúde e políticas públicas, defendemos que a cobertura jornalística ganha grande relevância: a divulgação científica, em sua vertente de jornalismo de ciência, pode trazer para a sociedade elementos para que ela possa participar ativamente da definição de políticas de saúde pública para a questão, principalmente com um olhar sobre o tema que busque o engajamento público dos cidadãos no debate (LEWENSTEIN, BROSSARD, 2010).

Considerando a importância da mídia em fornecer informações para este debate, a ideia foi selecionar um corpo de textos jornalísticos de dois jornais de grande alcance de dois dos principais jornais brasileiros. Realizamos uma análise quantitativa com base em protocolos de análise de conteúdo previamente utilizados na pesquisa sobre a cobertura jornalística de temas de ciência e de temas

controversos, como será melhor explicado no capítulo seguinte.

## METODOLOGIA

### DEFINIÇÃO DO CORPUS

Optamos por estudar a cobertura de duas publicações que têm tradição, credibilidade, penetração; que exercem um papel importante no campo do jornalismo profissional e na formação da opinião pública da sociedade brasileira: *Folha de São Paulo* (utilizaremos a partir daqui também *Folha*, como é bastante conhecido este jornal) e *O Globo*. Ambos são publicações de grande circulação e influência na opinião pública e líderes em suas respectivas praças, São Paulo e Rio de Janeiro.

Inicialmente, buscamos quantificar a presença de matérias com viés apenas policial e, de outro lado, matérias com diferentes temas. Num segundo momento, nos voltamos para nosso foco principal: entender como é feita a cobertura do tema fora das páginas policiais nestes dois jornais, isto é, buscar evidências sobre o jornalismo praticado sobre o tema com um olhar mais múltiplo e complexo e, assim, buscamos observar a frequência com que determinados enquadramentos aparecem no conjunto de reportagens. Com isso, se pretendeu também identificar as pautas mais tratadas (e com quais enfoques).

Para a realização do estudo, foi feito um recorte, estudando textos jornalísticos publicados por dois grandes jornais do país, a *Folha de São Paulo* (utilizaremos a partir daqui também *Folha*, como também é conhecido este jornal) e *O Globo*. Ambos são publicações de grande circulação e influência na opinião pública e líderes em suas respectivas praças, São Paulo e Rio de Janeiro.

Líder no segmento do país, a *Folha* registrou em 2018 uma média diária de 332.415 exemplares, de acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC). *O Globo*, segundo colocado no ranking de jornais brasileiros, também segundo o IVC, alcançou o número de 319.785 exemplares diários<sup>1</sup>. Daí a escolha para a delimitação do *corpus* da pesquisa.

O processo de seleção dos textos a serem analisados se deu através do acompanhamento dos sites desses dois jornais, quando se começou a catalogar

---

<sup>1</sup> Informações da matéria “Com crescimento digital, Folha lidera circulação total entre jornais brasileiros”, disponível online em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/com-crescimento-digital-folha-lidera-circulacao-total-entre-jornais-brasileiros.shtml>>. Acessado em 15 de maio de 2020

diariamente reportagens publicadas nos sites destas duas publicações.

Posteriormente, foi feita uma pesquisa nos mecanismos de busca desses dois sites com a palavra-chave “maconha” para ajustar o corpo de matérias a serem analisadas e verificar se foram selecionadas todas as reportagens sobre o tema publicadas de abril a agosto de 2019.

A partir da aplicação destas duas estratégias, chegamos a um total de 204 textos.

A percentagem de textos com enfoque policial no universo total de textos tem um valor importante como informação. Se a premissa era de que a cobertura atual sobre maconha tem um caráter mais qualificado, era fundamental checar se textos não-policiais superam em número (e em que medida) os policiais. Foi o que se constatou.

Chegou-se aos seguintes números:

- Número total de textos 204. Sendo 148 não-policiais e 56 policiais
- Número total de textos da *Folha* – 122, sendo 81 com enfoque não policial e 41 com enfoque policial
- Número total de textos do *Globo*: 82, sendo 67 com enfoque não policial e 15 com enfoque policial

Como citado anteriormente, nosso objetivo principal era entender como se dá na prática dos dois mais importantes jornais brasileiros a cobertura do tema fora das páginas policiais. Não ignoramos a importância da presença de textos com este enfoque policial em nosso corpus, porém, nossa justificativa é que por uma questão de tempo hábil para análise do material e também de maior adesão ao escopo do curso de especialização em Popularização e Divulgação Científica nos focamos nos textos não policiais.

Assim, nosso *corpus* é composto de 148 textos não-policiais (81 da *Folha* e 67 do *Globo*), reunindo reportagens, artigos, colunas, editoriais e um blog específico sobre maconha medicinal (Cannabis Inc) lançado em agosto pela *Folha*. Em 152 dias, portanto, foram catalogados 148 textos não policiais, um volume de publicação que mostra a intensidade e importância da cobertura qualificada sobre a maconha.

Durante o período inicial de prospecção, com a leitura diária de *O Globo* e *Folha*, foram catalogados 38 textos jornalísticos de outros veículos, como *O Estado*

de São Paulo, as revistas semanais *Veja* e *Época*, além de sites jornalísticos emergentes como *El País/Brasil* e *The Intercept Brasil*. Textos destas publicações que atendem aos critérios da pesquisa foram reunidos numa lista à parte. O material não foi analisado de forma metódica, sistêmica e aprofundada, porém, nos serviu como material extra para nos basearmos e estabelecer parâmetros para a codificação do nosso *corpus*. Além disso, duas dessas matérias, uma do *Intercept* e outra do *O Estado de São Paulo*, serviram como referencial para a definição do período de coleta dos textos.

A definição do período entre abril e agosto de 2019 para a coleta dos textos se deu em função de um marco que relaciona jornalismo, evidências científicas, controvérsias e políticas públicas: o vazamento de dados do citado acima III Levantamento Nacional Domiciliar sobre o Uso de Drogas, feito pela Fiocruz e embargado pelo Governo Federal. Os dados inéditos foram veiculados no dia 1 de abril de 2019 pelo site de notícias *The Intercept Brasil* (INTERCEPT, 2019), no que é chamado de “furo de reportagem”. O jornal *O Estado de São Paulo* (ESTADO, 2019) repercutiu a notícia no dia 6 de abril. *A Folha de São Paulo* (FOLHA, 2019e) noticiou o caso em 29 de abril.

A repercussão do embargo teve impacto decisivo para a liberação da pesquisa, que ocorreu em agosto, após intermediação da Advocacia Geral da União. O governo alegou que havia problemas de metodologia na pesquisa da Fiocruz, uma vez que não foram utilizadas as categorias censuárias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e que porque não teria cumprido a exigência de comparabilidade com estudos anteriores (de 2001 e 2005). A instituição, porém, defendeu a metodologia após o embargo. O embargo indicou uma possível tensão entre ciência e política, sugerindo uma postura negacionista de setores do Governo Federal em relação aos dados pesquisados pela instituição centenária de pesquisa em ciência e saúde, a Fiocruz. Daí a escolha pelo vazamento como marco inicial, uma vez que essa iniciativa revela uma potência do jornalismo em trazer à tona informações de interesse da sociedade. O marco escolhido para definir a data de encerramento da coleta de notícias foi justamente o fim do embargo à pesquisa da Fiocruz, e a publicação dos dados em *O Globo* (O GLOBO, 2019c) e *Folha* (FOLHA, 2019f), em 8 de agosto de 2019.

O III Levantamento Nacional Domiciliar sobre o Uso de Drogas foi encomendado à Fiocruz pelo Ministério da Justiça, em 2014, durante o Governo de



Dilma Rousseff, para dar subsídios à criação de políticas públicas de drogas. O custo foi de R\$ 7 milhões. A pesquisa feita pela Fiocruz levantou dados relativos ao consumo de drogas de 16.273 pessoas em 351 cidades do Brasil.

Como previsto, após a repercussão do embargo do estudo, como demonstram o número de textos coletados, o período foi de grande atividade da imprensa. Houve ainda diversos outros eventos sobre o tema que foram cobertos pela imprensa, dentro do nosso período de estudo.

Além do embargo, outros movimentos conservadores se deram durante o período entre maio e agosto. Foram: a sanção de uma nova lei antidrogas mais dura (ESTADO, 2019) e o adiamento de votação sobre o porte de maconha no Supremo Tribunal Federal (STF), que havia sido iniciada em 2015 (FOLHA, 2019g). Por outro lado, houve movimentos mais progressistas, como a permissão de importação de sementes de maconha para uso medicinal pelo STF (O GLOBO, 2019d), e o processo de regulamentação da *cannabis* medicinal pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), com abertura de consulta pública (O GLOBO, 2019e). Todos noticiados pela grande imprensa.

## CODIFICAÇÃO

A proposta foi estudar este *corpus* com base em protocolos de análise de conteúdo. Optamos por fazer uma adaptação de protocolos utilizados em estudos sobre a cobertura de temas científicos e controversos no Brasil e no exterior (NISBET *et al*, 2003; MASSARANI *et al*, 2012), para mapear a cobertura jornalística, fazendo um levantamento quantitativo. Isso se deu através da criação de um conjunto de códigos que identificam as características de cada texto.

Estes códigos foram aplicados aos textos e depois foi feito o levantamento quantitativo das ocorrências de cada código. Dessa maneira, buscou-se traçar os enfoques principais da cobertura, assim como suas principais vozes e outras características da cobertura. Para aplicar os códigos ao material de estudo foi utilizado o software MAXQDa.

### **Códigos de “Enquadramento”**

A primeira categoria de códigos a ser descrita nessa atual pesquisa é

referente ao enquadramento das notícias/textos jornalísticos. Com isso, cada texto foi marcado com um código que identificou o enfoque principal. Este enquadramento foi feito com os códigos descritos no quadro abaixo.

Alguns textos receberam mais de um código (no máximo dois). Isso ocorreu quando um texto trouxe, além do enfoque principal, um enfoque secundário, mas relevante.

Por isso, no resultado final, o número de codificações de texto é maior que o número de textos do corpus. Na presente pesquisa, foram reunidos 148 textos. Mas a soma das codificações de enquadramento foi de 229.

Abaixo, está apresentada a tabela com a descrição de cada código de “Enquadramento”, e já com o número de ocorrências registrado no corpus da pesquisa. O Quadro 1 traz o código na primeira coluna; a explicação do código na segunda; e o número de ocorrências do código na terceira coluna.

Quadro 1 – Definição dos códigos de enquadramento

<b>Códigos de enquadramento</b>	<b>Explicação</b>	<b>Ocorrências na pesquisa</b>
Políticas públicas	O código é aplicado quando o enfoque principal do texto jornalístico trata claramente de legislação, regulamentação do uso medicinal da maconha, ações de governo, projetos de lei, propostas da sociedade civil, de grupos ativistas ou do meio acadêmico, votações sobre o tema no STF, tratamento de usuários, modelos de enfrentamento da questão adotados por outros países, entre outros exemplos.	84 textos
Controvérsia	Aplicado quando o texto mostra posições divergentes em relação à questão das drogas, como posições conflitantes sobre descriminalização ou legalização. Ou por exemplo, quando traz o embate entre o modelo de abstinência e o de redução de danos ou entre posições científicas sobre efeitos da maconha, ou metodologias de pesquisa. Elas podem ser, portanto, políticas ou científicas.	57 textos
Ciência	O código se aplica quando o enfoque principal do texto tem como base conhecimento de ciência e saúde pública. Quando apresenta pesquisa científica ou estudo sobre, por exemplo, os efeitos da maconha, as propriedades medicinais. Ou quando uma pesquisa ou dado científico leva a alguma discussão de política pública na área da saúde coletiva e individual, ou serve para referendar posições em um debate. Também se aplica quando as fontes principais de informação de um texto são cientistas, pesquisadores	42 textos

	ou instituições científicas.	
Negócios	Aplicado quando o texto enfoca potencial para negócios, como produção de medicamentos com base na maconha, venda de acessórios para usuários, expectativas de mercado, de empresários etc. Ou quando trata de custos de tratamento, como por exemplo quando aborda a questão da importação de medicamentos à base de <i>cannabis</i> .	27 textos
Cultura	Aplicado quando o foco principal é o aspecto cultural ou de comportamento (exemplo: atos como a Marcha da Maconha; relatos sobre uso por artistas ou celebridades), ou quando se trata de um produto cultural como um filme ou série sobre maconha. Também é aplicado em textos que falam da relação de celebridades com a maconha.	19 textos

Fonte: O Autor.

Vamos dar alguns exemplos da aplicação destes códigos. O código “Políticas públicas” foi registrado quando houve referência direta a políticas públicas nos textos. Por exemplo, na reportagem da *Folha de São Paulo*, de 11 de junho de 2019, intitulada “Anvisa propõe plantio de maconha em locais fechados e com acesso controlado por biometria”.

Assim que for aprovado no país, o plantio de maconha deverá ocorrer em locais fechados e cujo acesso será controlado por portas de segurança e com uso de biometria. Empresas também terão que apresentar planos de segurança para evitar desvios e serão alvo de inspeções periódicas. As medidas fazem parte de uma proposta apresentada pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) nesta terça-feira (11) para tentar liberar o cultivo de *cannabis* no Brasil com foco na pesquisa e a produção de medicamentos. Agora, a proposta será levada para consulta pública por 60 dias. (FOLHA, 2019h)

Um exemplo de controvérsia foi encontrado em reportagem do *Globo*, de 1º de junho de 2019, intitulada “Estudo da Fiocruz engavetado pelo governo revela que consumo de opiáceos é maior do que de crack no Brasil”. A reportagem aborda a questão do embargo sofrido pela pesquisa da Fiocruz sobre drogas, que motivou essa pesquisa.

A pesquisa da Fiocruz foi concluída em 2017 e, desde então, não se tornou pública. O GLOBO teve acesso à íntegra do documento que, segundo o Ministério da Justiça, órgão que encomendou o trabalho, não pode ser “reconhecido” pelo governo porque não teria cumprido a exigência de comparabilidade com estudos anteriores (de 2001 e 2005), feita no edital de

R\$ 7 milhões que custeou o estudo. Em resposta, a Fiocruz já apresentou dois suplementos oferecendo comparações, alertando, no entanto, que estavam distantes da chamada “comparação ótima” — algo impossível, já que os estudos adotam amostras distintas. Para especialistas, porém, o engavetamento da pesquisa só se explica por um motivo: ela não confirma que o Brasil vive uma epidemia de drogas. (O GLOBO, 2019f).

### Códigos de “Tipo de texto”

A segunda dimensão analisada é relacionada ao “Tipo de texto”: reportagem, nota de coluna, editorial, entrevista, artigo de opinião, blog temático e fotolegenda.

Quadro 2 – Definição de códigos de tipo de texto jornalístico

<b>Códigos de tipo de texto jornalístico</b>	<b>Explicação</b>	<b>Ocorrências na pesquisa</b>
Reportagem	Modelo mais utilizado no jornalismo, a reportagem procura trazer o maior número possível de informações sobre um fato, um tema, uma situação. Informações essas coletadas através de entrevistas, observação, pesquisa sobre o assunto, exame de documentos, e investigação sobre o que se quer abordar.	85 textos
Coluna	Notas de colunistas que cobrem economia, política, negócios e comportamento. Geralmente, trazem informações de bastidores e em primeira mão. Costumam repercutir e pautar textos mais extensos, como reportagens e entrevistas. Exemplo: coluna do jornalista Ancelmo Góis, no <i>Globo</i> .	36
Blog temático	Coluna temática sobre “negócios e cultura canábica”, lançada pela <i>Folha de São Paulo</i> em 2019 e intitulada “Cannabis Inc”. A primeira coluna de um grande jornal brasileiro a tratar especificamente do tema da maconha.	7
Artigo	Artigos publicados nos jornais e assinados por políticos, acadêmicos, ativistas, empresários e demais atores sociais, geralmente escolhidos por representarem uma corrente de opinião.	6
Editorial	Texto que traz a posição da publicação sobre tema importante da atualidade.	5
Fotolegenda	Registro de um fato, situação ou pessoa que tem como elemento principal a fotografia acompanhada de um texto explicativo.	4

Fonte: O Autor.

Essa codificação permite identificar o espaço que os jornais dedicam à produção jornalística sobre a maconha. Por exemplo, o fato de um jornal fazer um editorial sobre o tema da *cannabis*, mostrando sua posição sobre a questão, é indicativo de que a publicação dá importância e espaço a esse debate, e especialmente à ciência, como no editorial intitulado “Ideologia contamina o tema das drogas”, publicado no *Globo* em 31 de maio de 2019.

Uma das características preocupantes da postura do governo Bolsonaro diante de assuntos fora do campo econômico é a dificuldade de aceitar dados concretos de pesquisas e levantamentos. Se contrariarem a visão preconcebida da autoridade da área, eles são rejeitados, numa atitude anti-ciência que remonta à Antiguidade, quando crenças religiosas censuravam novas teorias astronômicas, por exemplo. (O GLOBO, 2019g),

A existência de um blog temático sobre maconha, como o Cannabis Inc, lançado pela *Folha de São Paulo*, também indica que a publicação busca prestigiar e destacar a cobertura deste tema. Abaixo, trecho de texto publicado no blog em 28 de agosto de 2019.

O emergente mercado da *cannabis* entrou pela primeira vez na agenda de palestras da Latam Retail Show, maior evento de negócios do varejo no Expo Center Norte, em São Paulo. Ontem, 27, o fórum reuniu quatro players do mercado internacional, com estratégias e propósitos diferentes. (FOLHA, 2019i)

Um exemplo do código “Reportagem” é o texto intitulado “As vozes por trás do debate sobre maconha medicinal”, publicado em *O Globo*, em 18 de agosto de 2019. A matéria ouviu fontes como o neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro, além de empresários que apostam no mercado medicinal e ativistas e representantes de associações de pacientes de *cannabis* medicinal, como Margarete Brito, da Associação de apoio à pesquisa e a pacientes de *cannabis* medicinal (Apepi).

O GLOBO ouviu algumas das vozes que se manifestaram no debate proposto pela Anvisa. As críticas se concentram em especial no fato de a agência restringir o plantio da maconha a pessoas jurídicas e impor critérios, como o cultivo em área fechada, que tendem a encarecer a produção, limitando-a a grandes empresas, e não a associações e pacientes que hoje trabalham entre si para extrair o produto e baratear o alto custo da

importação do medicamento. (O GLOBO, 2019h)

### Códigos de Tipo de uso

Buscou-se ainda definir outro código, para distinguir o “tipo de uso” descrito nos textos: medicinal, recreativo/social ou de drogas em geral. Neste campo, era utilizado apenas um código por matéria. A explicação destes códigos está descrita no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Definição de códigos de tipo de uso

Códigos de tipo de uso	Explicação	Ocorrências
Uso medicinal da maconha	Marcado em textos em que o tema central é a chamada <i>cannabis</i> medicinal, tanto sob o prisma científico e terapêutico como comercial/industrial.	65 textos
Uso social da maconha	Textos em que se debate o uso da maconha, entendendo a questão como uma realidade social, um hábito, um costume, e envolvendo aspectos como porte da maconha, plantio, história, comportamento, repressão, ativismo.	61
Uso social de drogas em geral	Marcado em textos em que a maconha não é a única droga citada nem o tema central, embora seja citada como uma das drogas em questão.	22

Fonte: O Autor.

Textos marcados com o código “Uso medicinal da maconha” têm como assunto central a chamada *cannabis* medicinal, as políticas envolvidas com o tema, a perspectiva de negócios e as descobertas científicas sobre as propriedades terapêuticas. Como na reportagem “Anvisa deve regulamentar produção medicinal da *cannabis* até novembro”.

O presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), William Dib, disse nesta terça-feira que o órgão deve regulamentar a produção, o plantio, a importação e o transporte de *cannabis* para uso medicinal até novembro deste ano. A consulta pública à sociedade vai até 20 de agosto.

Depois disso, a Anvisa fará a compilação das sugestões, em um prazo de 30 a 40 dias. Em seguida, o órgão votará a proposta de regulamentação. (O GLOBO, 2019i)

O código “Uso social da maconha” marca textos que tratam do uso recreativo ou do uso relacionado a um costume ou comportamento social. Caso de nota publicada em coluna da jornalista Mônica Bergamo, na *Folha*, em 27 de maio de 2019, intitulada “Magistrados dizem que STF deve descriminalizar ao menos o porte da maconha”.

O STF deve retomar o julgamento da descriminalização do porte de drogas no começo de junho (...) De acordo com magistrados, a corte deve descriminalizar o porte ao menos da maconha. (FOLHA, 2019j)

O código “Uso social de outras drogas” foi utilizado para marcar os textos que tratam de drogas em geral, nos quais a maconha, embora não seja o tema único ou central, seja citada. Textos emblemáticos deste código são os referentes à polêmica sobre a já citada pesquisa sobre drogas realizada pela Fiocruz, como a reportagem da *Folha*, de 8 de agosto de 2019, intitulada “Fiocruz é autorizada a divulgar estudo censurado sobre uso de drogas”.

Os dados revelados mostraram que a epidemia de drogas que o governo e parlamentares vêm propagando não existe de fato. O levantamento aponta, por exemplo, que quase 10% da população já usou alguma droga ilícita uma vez na vida — taxa semelhante a de outros países. O crack foi consumido por 0,9% da população alguma vez na vida, 0,3% fez uso no último ano e apenas 0,1% nos últimos 30 dias anteriores à pesquisa. No mesmo período, a maconha foi usada por 1,5%, e a cocaína, por 0,3% dos brasileiros. (FOLHA, 2019l)

### **Códigos de Fonte da informação**

Outra codificação foi relativa às fontes de informação citadas nos textos. Exemplo: governo, cientistas, empresários, ativistas, usuários etc.

No caso deste código, muitos textos receberam mais de uma marcação. Por

exemplo, uma reportagem em que empresários e cientistas falam. Nesse caso, cada fonte computa uma marcação no mesmo texto. Essa opção foi feita porque se trata de identificar o universo de vozes na cobertura como um todo, de modo distinto do código de enquadramento, onde se busca definir o enfoque principal do texto, ou no máximo um principal e um secundário.

A aplicação deste código busca deixar claro as diferentes fontes presentes nos textos. Sendo assim, em alguns momentos, decidimos marcar com mais de um código algumas fontes. No caso do Governo, era nosso interesse dimensionar a presença do então ministro da Cidadania, Osmar Terra, no debate. Por outro lado, buscamos também entender como instituições de pesquisa e cientistas foram citados como fontes. Assim, estes códigos também podem se sobrepor em alguns momentos, como explicado na tabela abaixo.

Quadro 4 - Definição de códigos de fonte da informação

<b>Códigos de fonte da informação</b>	<b>Explicação</b>	<b>Ocorrências</b>
Governo	A fonte "Governo" se aplica quando se trata de um representante do Poder Executivo, seja federal, municipal ou estadual, seja do Brasil ou do exterior. Pode ser tanto uma pessoa, como o presidente, um ministro, ou o governador, como um órgão de governo, um ministério, uma secretaria, quando este se manifesta através de nota à imprensa. Do total de 33 textos, 18 citam o Ministro Osmar Terra.	33 textos
Empresários	Marca empresários ou porta-vozes de empresas que investem ou pretendem investir no potencial mercado gerado pela <i>cannabis</i> medicinal, como produção de medicamentos, importação, venda etc. Também é aplicado a empresários que pretendem atuar em um eventual mercado de maconha recreativa no Brasil, ou que já investem neste nicho em outros países, como os Estados Unidos e o Canadá.	32
Anvisa	A Agência Nacional de Vigilância Sanitária foi escolhida como código à parte do "governo", pela sua especificidade intrínseca de ser um órgão técnico e pelo fato de ter sido uma fonte muito recorrente na cobertura sobre maconha, devido ao processo de regulamentação da <i>cannabis</i> medicinal no país este ano.	30
Ativistas	O código se refere a pessoas ou grupos que atuam na questão da regulamentação do uso da maconha, de forma organizada, como a Rede Jurídica Pela Reforma da Política de Drogas e a Associação Brasileira de Pacientes de Cannabis Medicinal.	30



Instituições/ Centros de pesquisa/ Fiocruz*	Pesquisas de instituições brasileiras (incluindo a Fiocruz) e estrangeiras citadas como fonte; notas oficiais das instituições; cientistas falando como porta-vozes da instituição, que nesse caso também são registrados no código “Cientistas”. Exemplos: Centro Brasileiro de Estudos de Saúde, Centro de Informações sobre Saúde e Álcool. No total de 29 textos, a “Fiocruz” registrou 13 ocorrências.	29
Cientistas	O código é aplicado quando a fonte de informação do texto jornalístico é cientista, pesquisador ou acadêmico, seja brasileiro ou estrangeiro.	28
Saúde	Profissionais de saúde mental e física: psiquiatras, psicólogos e médicos.	24
Associações/ Conselhos	O código se aplica quando uma associação ou conselho é utilizado como fonte, seja através de nota ou da fala de um representante. Exemplos: Associação Brasileira da Indústria de Insumos Farmacêuticos, Conselho Federal de Medicina.	19
Ministro Osmar Terra	O ministro da Cidadania Osmar Terra deu origem a um código próprio pelo fato de ter sido uma das fontes mais presentes no noticiário sobre políticas para drogas, representando uma postura conservadora do Governo Federal.	18
Políticos	Integrantes do Poder Legislativo, senadores, deputados, vereadores.	15
Artistas	Escritores, compositores, cineastas, atores e demais representantes das artes ou da indústria cultural.	14
Fiocruz*	Pesquisas da Fiocruz citadas como fonte; notas oficiais da instituição; cientistas falando como porta-vozes da Fiocruz (nesse caso também são marcados com o código “Cientistas”).	13
Usuários maconha medicinal	Pessoas ou parentes de pessoas que utilizam maconha medicinal.	7
Usuários maconha (social)	Pessoas que fazem uso recreativo ou social da maconha.	4

Fonte: O Autor.

Como exemplos de textos marcados com o código “Fonte da informação”, podemos destacar trecho da reportagem “As vozes por trás do debate sobre maconha medicinal”, publicado em *O Globo*, em 18 de agosto de 2019. A reportagem traz uma fala do neurocientista Sidarta Ribeiro, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Ele foi marcado com o código “Cientista”:

É importante que a Anvisa esteja discutindo a maconha medicinal, mas é preocupante que o viés seja tão econômico. A proposta exige, por exemplo, praticamente um carro-forte para transportar a planta. Para as

universidades, isso seria inviável. Não acho ruim que as empresas entrem, mas não só as grandes, porque, como está proposto, ninguém pequeno vai ter como plantar e produzir. O Mevatyl (medicamento à base de *cannabis* vendido no Brasil) custa R\$ 2,8 mil. Grosso modo, é como se a maconha medicinal estivesse legalizada no Brasil para os ricos. O que estamos discutindo aqui é o acesso para a população de baixa renda, que, se não puder plantar em casa, continuará sem conseguir o medicamento. (O GLOBO, 2019h)

O código “Governo” foi o que registrou mais ocorrências, conforme observado no Quadro 4. Ele marca falas convencionais, como declarações de ministros, mas também indica a origem de alguma informação, como por exemplo uma nota enviada à imprensa. Caso da reportagem “Planalto é contra proposta da Anvisa de dar aval a cultivo de maconha”.

O Palácio do Planalto informou nesta quarta-feira (19) ser contrário à proposta da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) de liberar o cultivo de maconha no país para pesquisa e produção de medicamentos. Em nota enviada à Folha, a Casa Civil afirmou que é contra a liberação do plantio e disse que a ideia é estimular apenas a importação de “matéria-prima”, como óleos e extratos para uso medicinal. (FOLHA, 2019m)

Neste trabalho optou-se por marcar duas fontes ligadas ao Governo Federal, uma vez que essas fontes tiveram muito destaque no noticiário: são as fontes “Anvisa” e “Osmar Terra”. Sobre a primeira, por ser tratar, ainda que de um órgão governamental, de uma estrutura técnica, o código foi contabilizado à parte. Já no caso do então ministro da Cidadania, o código aplicado ao ministro foi também somado ao código Governo, pois o ministro representa acima de tudo a voz do governo no debate. Este código, inclusive teve grande presença, uma vez que Osmar Terra foi pivô da polêmica envolvendo o supracitado levantamento feito pela Fiocruz.

Optou-se por criar as fontes “Usuários medicinal” e “Usuários social” para distinguir falas de pessoas que têm diferentes tipos de uso. Exemplo de fala de “Usuário social” pode ser visto na reportagem “Consulta pública sobre cannabis medicinal recebe 1.154 sugestões”.

Um "cidadão ou consumidor" de São Paulo foi mais longe e sugeriu que seja fomentada uma nova indústria no país. "Sugiro que ocorra a liberação para fins recreativos também, onde se eliminaria a figura do traficante e o assunto seria tratado como um problema de saúde pública. Além do mais, o governo arrecadaria milhões em impostos, abrindo uma nova fonte de renda para o país. Isto já está acontecendo nos EUA, onde somente no passado o Governo arrecadou U\$2,6 bilhões. Assunto a ser refletido", escreveu. (O GLOBO, 2019j)

## RESULTADOS

Nosso *corpus* ajuda a traçar um panorama sobre as controvérsias no tratamento de usuários de drogas, que envolvem de um lado a redução de danos e de outro a busca pela abstinência e internação compulsória (ver, por exemplo, matéria FOLHA, 2019d). Elas acompanham as expectativas e as idas e vindas da votação que tramita no Supremo Tribunal Federal (STF) sobre a quantidade permitida para porte para fins de enquadramento jurídico na distinção entre usuário de maconha e traficante. Outro tema presente no corpo de texto são as experiências adotadas em alguns países como Uruguai, Canadá e Estados Unidos, que buscam quebrar o paradigma da guerra às drogas.

Antes de considerações mais específicas acerca dos dados sistematicamente analisados, a partir do protocolo explicado acima, é válido iniciar esta seção de resultados destacando que os textos de *O Globo* e *Folha* analisados, em que pese nossa opção por excluir da análise os textos policiais, dão informações e traçam um quadro mais complexo sobre o debate da maconha no Brasil. Corroborando o estudo de Souza, Santos e Aléssio (2018), cerca de três quartos dos textos coletados ajudam a pintar este quadro mais robusto do tema. Os textos analisados permitem, por exemplo, que se conheça aspectos comportamentais da sociedade (O GLOBO 2019b), os efeitos sociais da guerra às drogas (FOLHA, 2019b) e o impacto no campo da ciência e da saúde referentes ao uso medicinal da maconha (FOLHA, 2019c).

### Enfoque não-policial x policial

De um total de 204 textos coletados, 148 (81 da *Folha* e 67 do *Globo*) tiveram enfoque não-policial e sim voltado para outras abordagens, como a discussão de políticas públicas e de informação científica, por exemplo. Outros 56 textos tinham enfoque policial, como reportagens sobre apreensão de drogas e confrontos armados entre policiais e traficantes.

Gráfico 1 – Relação texto não-policial e policial (percentual por publicação)



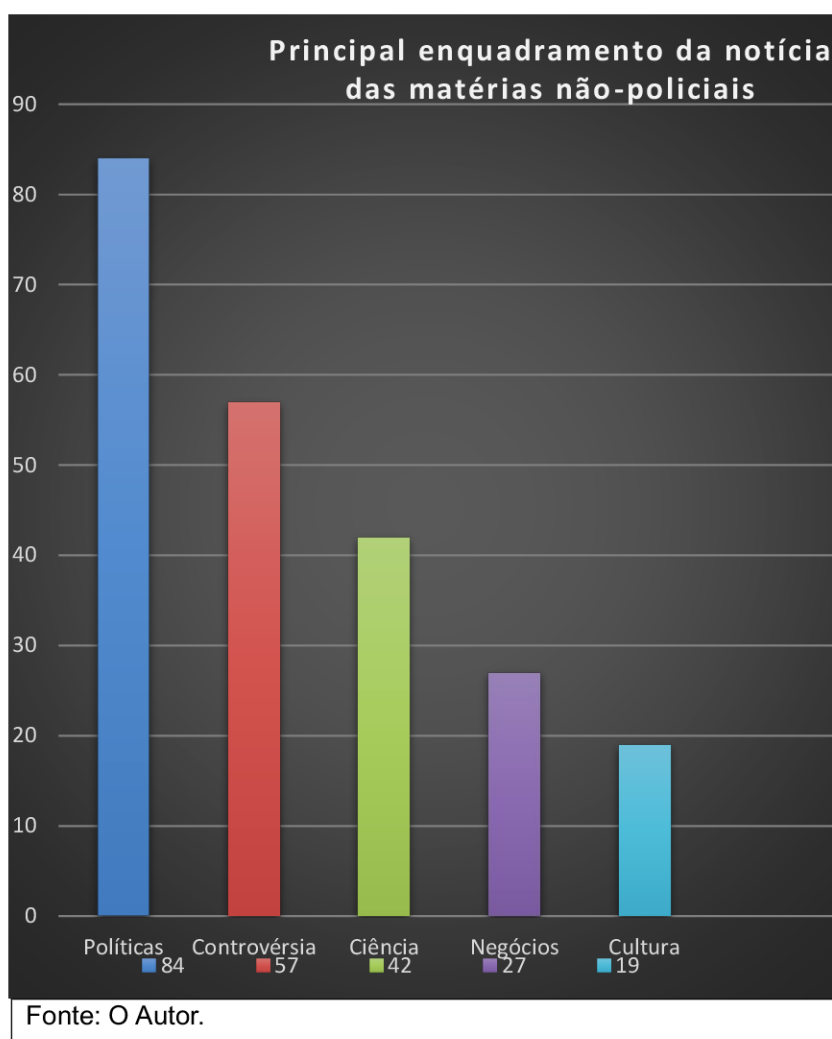
Os resultados demonstram uma cobertura mais focada em um quadro mais complexo do tema maconha tanto na presença total de matérias, mas também quando isolado cada um dos dois jornais. As matérias policiais sobre a maconha ocuparam 23% na cobertura da *Folha* e ainda menos, de 18%, em *O Globo*.

### Enquadramento

Aplicada a codificação de enquadramento, o enfoque predominante foi relacionado a políticas públicas, com 84 ocorrências no universo de 148 textos (excluindo os textos com enfoque policial).

O tema maconha ou drogas, de forma mais geral, é bastante controverso, e esse debate com visões antagônicas aparece também com muita frequência nas matérias e textos selecionados. Textos que reportaram a existência de controvérsias sobre o tema da maconha, seja controvérsia política ou científica, tiveram o segundo maior volume de ocorrências: 57. Textos classificados como “ciência”, por focarem em alguma pesquisa ou fala de cientista, como explicado no capítulo sobre métodos, estão em terceiro lugar (com 42). Seguem-se “Negócios” (27 textos com este enfoque principal) e “Cultura” (19 textos).

Gráfico 2 – Resultado de códigos de enquadramento da notícia



O Gráfico 2 registra as codificações específicas de “enquadramento” dos textos não-policiais. Conforme descrito em tabela acima, o “enquadramento” reúne textos com os seguintes enfoques: políticas públicas, controvérsia, ciência, negócios e cultura.

### Tipo de uso

A categoria de códigos “Tipo de uso” busca identificar no *corpus* da pesquisa basicamente se o texto trata de uso social (também chamado recreativo) ou uso medicinal da maconha. Melhor dizendo, o uso social aqui definido é todo uso não-medicinal, considerando medicinal o uso que se faz com objetivo de lidar com quadros de saúde para os quais a maconha tem sido prescrita.

Gráfico 3 – Tipo de uso de maconha abordado



Fonte: O Autor

Além do uso medicinal e social, a pesquisa encontrou textos que tratam da questão do uso de drogas em geral, mas que citavam a maconha como uma destas drogas.

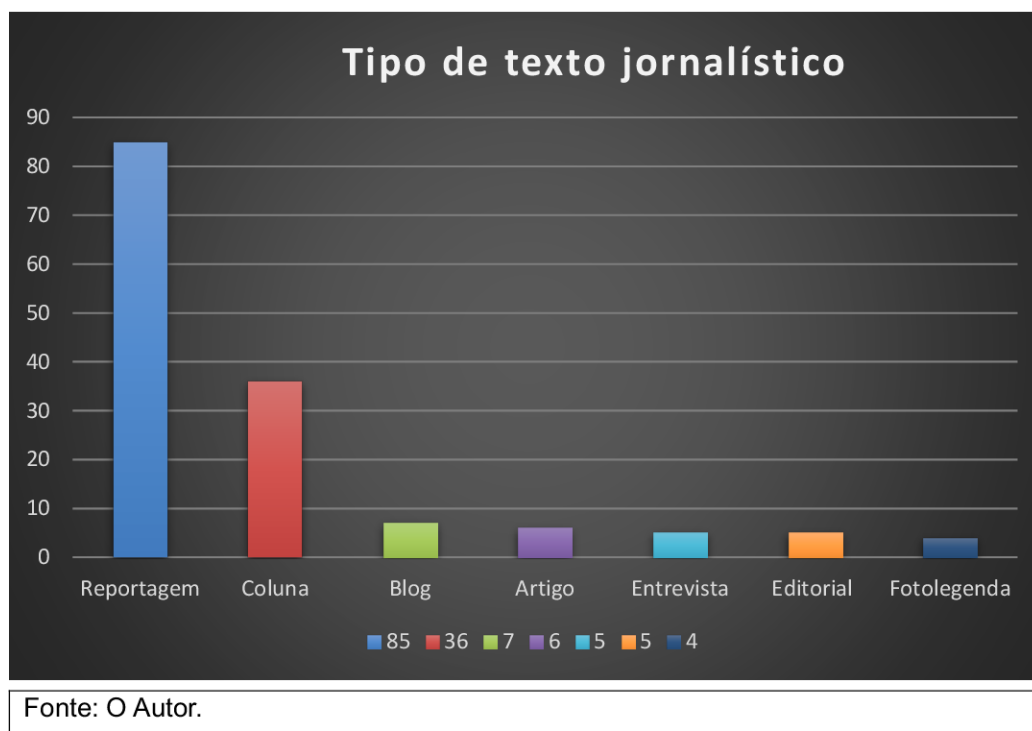
O Gráfico 3 mostra que a maioria dos textos estudados (65) tratou do uso medicinal da maconha. Este tema foi bem explorado pela imprensa brasileira, que acompanhou o processo de regulamentação da *cannabis* medicinal no país pela Anvisa. Em dezembro de 2019, a agência, após intenso debate com a sociedade, aprovou uma proposta que simplifica a importação de medicamentos à base de maconha.

Mas o número de textos que enfocaram o uso social da maconha foi bem próximo dos que trataram do uso medicinal, com 61 textos tratando de temas como regulamentação, plantio, consumo, experiências em outros países etc.

### Tipo de texto

A maioria dos textos da cobertura sobre maconha é composta de reportagens (85 textos). Como seria de se esperar, pois a reportagem é o modelo de texto mais utilizado no jornalismo. Mas o grande número de colunas com notas sobre maconha (36) mostra que o assunto está atraindo a atenção para um tipo de jornalismo que busca informações de bastidores e em primeira mão.

Gráfico 4 – Resultado Tipo de texto jornalístico



O lançamento em 30 de julho de 2019 de um blog temático sobre “negócios e cultura canábica”, pela *Folha de São Paulo*, o “Cannabis Inc”, é um indicativo que o assunto ganha espaço na imprensa. Trata-se da primeira coluna de um grande jornal brasileiro a tratar especificamente do tema da maconha. Do lançamento ao fim do mês de agosto, último mês de coleta da pesquisa, foram computadas 7 publicações do blog.

Foram publicados 6 artigos de opinião sobre a maconha no período estudado, 5 entrevistas do tipo pergunta-resposta, 5 editoriais e 4 fotolegendas. Artigos de opinião e editoriais, principalmente estes últimos, são espaços nobres. O editorial traz a opinião do próprio jornal. E entrevistas permitem que se exponha melhor as opiniões e informações de uma fonte, geralmente capacitada para falar de um tema.

### Fonte da informação

A categoria de códigos “Fontes da informação” permite identificar as principais vozes na cobertura jornalística sobre maconha. Como explicado na



metodologia, alguns códigos foram desdobrados, por exemplo, no caso do então ministro Osmar Terra e da Fiocruz. Nosso objetivo era buscar indícios de uma possível polarização entre ciência e política. De certa forma, era esperado um certo embate por conta justamente do nosso recorte se basear num marco que, como explicado anteriormente, relaciona jornalismo, evidências científicas, controvérsias e políticas públicas: o vazamento pelo site The Intercept dos dados do III Levantamento Nacional Domiciliar sobre o Uso de Drogas, feito pela Fiocruz e embargado pelo Governo Federal.

Pudemos notar que o Governo teve grande importância como fonte das matérias, tendo sido codificado 33 vezes. Destas, o então ministro da Cidadania, Osmar Terra, protagonista do embate acerca do embargo do levantamento da Fiocruz aparece como fonte em 19 textos.

Por sua vez, a Fundação Oswaldo Cruz, também teve destaque, aparecendo em 13 textos, dos 29 codificados como Instituições/Centros de pesquisa/Fiocruz.

Para além da dicotomia entre ciência e política, empresários ou porta-vozes de empresas que investem ou pretendem investir no potencial mercado gerado pela cannabis medicinal ou num eventual mercado de maconha recreativa no Brasil apareceram como fonte em 32 textos.

A Anvisa, apesar de ser uma agência governamental, foi codificada separadamente: foram 30 ocorrências. A Anvisa conta com um corpo técnico e “tem por finalidade institucional promover a proteção da saúde da população, por intermédio do controle sanitário da produção e consumo de produtos e serviços submetidos à vigilância sanitária, inclusive dos ambientes, dos processos, dos insumos e das tecnologias a eles relacionados”<sup>2</sup>.

Sua presença era esperada como fonte devido ao processo de regulamentação da cannabis medicinal no país. Apesar de não ser do escopo desta pesquisa, acreditamos que uma análise mais específica sobre a presença como fonte desta agência no debate seria de grande relevância, uma vez que ela, em certa medida, pode representar discursos mais técnicos ou mais políticos.

Outra voz relevante no debate se refere a pessoas ou grupos que atuam na questão da regulamentação do uso da maconha, de forma organizada, como a Rede Jurídica Pela Reforma da Política de Drogas e a Associação Brasileira de

---

<sup>2</sup> Informações do site da Agência, acessado em 23 de agosto de 2020. Site: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/acessoainformacao/institucional>>

Pacientes de Cannabis Medicinal. Este código esteve presente também em 30 textos.

Reforçando o peso da ciência na discussão do tema, profissionais de saúde mental e física, como psiquiatras, psicólogos e médicos, estiveram presentes como fonte em 24 textos.

Além destes códigos, estiveram presente no debate como fontes, ainda, associações ou conselhos, como a Associação Brasileira da Indústria de Insumos Farmacêuticos ou Conselho Federal de Medicina (19 textos); políticos, como senadores, deputados e vereadores (15 textos); artistas, como escritores, atores e cineastas 14 textos); ou usuários, seja da maconha para uso medicinal (7 textos) ou recreativo (4 textos).

Os dados apontam para um debate bastante múltiplo, com diferentes representantes de diferentes esferas, como a política, a ciência e mesmo o olhar empresarial e econômico sobre o tema.

É relevante destacar ainda a importante participação social no debate, com a presença de ativistas, associações e conselhos, artistas e usuários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento quantitativo realizado nesta pesquisa corrobora a percepção inicial de que o tema da maconha tem ganhado uma cobertura jornalística qualificada por parte da grande imprensa, constatação essa feita após análise de conteúdos publicados sobre o assunto nos sites dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo* entre os meses de abril e agosto de 2019.

Esta cobertura seria então “qualificada” pelo fato de estas publicações abordarem mais questões como políticas públicas, potencial terapêutico da maconha, potencial econômico e aspectos culturais envolvendo o uso da *cannabis*, se descolando assim do foco no noticiário policial. Este último, embora ainda presente, não é predominante.

Outro possível indicador de qualidade foi a multiplicidade de enfoques da cobertura. Verificamos que a maioria dos textos estudados tratou de políticas públicas (84 textos), controvérsias (57 textos) e ciência (42). Outros enfoques como negócios e cultura tiveram presença relevante, com 27 e 19 textos, respectivamente.

Reforçando a imagem de uma cobertura mais complexa e profunda sobre o tema, destaca-se a diversidade de vozes presentes neste debate: de integrantes do Poder Executivo a cientistas, ativistas, profissionais de Saúde, empresários e usuários de maconha e *cannabis* medicinal. Instituições científicas, como a Fundação Oswaldo Cruz, tiveram papel de destaque no debate, servindo como fonte de informação científica qualificada. Associações e conselhos representativos da sociedade também foram ouvidos com muita frequência.

Também buscou-se observar qual o tipo de uso da maconha é mais abordado nos textos jornalísticos. O que se verificou foi que houve um equilíbrio entre pautas que tratavam do uso medicinal e do uso social ou recreativo: 65 textos tratavam da *cannabis* medicinal e 61, do uso social. No que se depreende que, apesar do proibicionismo ainda vigente no país, o uso social tem recebido atenção da imprensa, lembrando que estudo feito pela Fiocruz apontou o dado de que dois milhões de brasileiros utilizam a maconha.

O uso medicinal da maconha também esteve muito presente no radar da imprensa, uma vez que evidências científicas sobre propriedades terapêuticas da planta têm se acumulado, alimentando um debate que envolve Poder Público,

sociedade e academia.

As recentes pesquisas e descobertas sobre as propriedades terapêuticas da maconha, assim como a mobilização da sociedade para a regulamentação do uso da *cannabis* medicinal, enfim, parecem ajudar a ampliar o campo de visão sobre o tema. E reforçam a importância da divulgação científica em temas controversos que envolvem saúde pública e individual. Para que as escolhas da sociedade sejam calcadas no conhecimento e não em crenças, preconceitos e falta de informação.

Como mostrado nos resultados, vozes da sociedade, como as de empresários, ativistas, associações, artistas e usuários tiveram grande presença. Se uma das metas da divulgação científica é incorporar a sociedade no engajamento de questões importantes no campo do conhecimento para a coletividade, pode-se dizer que a cobertura desempenhou este papel.

No exame das fontes de informação, destacou-se também a presença de vozes ligadas à ciência e à saúde, como cientistas, pesquisadores, instituições científicas, centros de pesquisa e profissionais de saúde. Os mesmos dados apontam ainda que o Governo e Anvisa tiveram bastante presença no debate.

O que se depreende deste cenário é que houve um equilíbrio nas vozes de diferentes segmentos da sociedade, em uma indicação de que a cobertura de o *Globo* e *Folha* abrigou um debate democrático. Debate esse fundamental para a construção de uma sociedade bem informada e mais justa a respeito de um tema controverso. Um tema que clama pela adoção de políticas públicas mais eficazes e que encontra seus fundamentos na democracia, na ciência e no conhecimento.

Tentamos traçar um quadro – dentro de um determinado espaço de tempo (porém um espaço de tempo privilegiado) – da cobertura do tema maconha realizado pelos dois principais jornais brasileiros. Deixamos claro aqui que nosso olhar, apesar de importante, se limita ao publicado pelos jornais, sem, por exemplo focar na recepção, nas redes sociais, em jornais com diferentes públicos. O tema, complexo, como bem mostram os nossos resultados, podem e devem ser explorados por novos estudos que nos ajudem a melhor entender este tema dentro da divulgação científica e, assim, da sociedade.

Mesmo dentro de nossa análise acreditamos que estudos semelhantes, poderiam ser feitos, delimitando outros períodos (no passado ou no futuro). Dessa forma poderá se verificar, em caso de um período futuro (posterior a 2019), se a tendência se manteve. Do mesmo modo, levantamento de períodos anteriores a

2019 poderão mostrar se a cobertura de 2019 representou alguma evolução no tocante ao enfoque menos policial. Este trabalho, portanto, pode servir como referência para estudos deste gênero.

Nosso estudo não se trata, de forma alguma, de um filme completo sobre este tema essencial dentro dos campos da ciência, saúde e sociedade, mas apenas uma foto. Uma foto que, julgamos, representa o atual debate nestes jornais e que, acima de tudo, pode fomentar novos olhares.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C.; MASSARANI, L.; DAL'COL, F. **Controvérsia científica no telejornalismo brasileiro: um estudo sobre a cobertura das células-tronco no Jornal Nacional**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 20, supl.1 Rio de Janeiro, nov. 2013.

BASTOS, F. *et al.* (Org.). **III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ICICT, 2017. 528 p.

BERLINCK, Manoel Tosta. **A dinâmica da psicopatologia: o caso da maconha**. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 11-14, Mar. 2014. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142014000100001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142014000100001&lng=en&nrm=iso)>. access on 10 Out. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142014000100001>.

ESTADO. **Pesquisa indica 3,5 milhões de usuários de drogas ilícitas; governo rejeita dados**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 6 de abr. 2019. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,pesquisa-indica-3-5-milhoes-de-usuarios-de-drogas-ilicitas-governo-rejeita-dados,70002781461>>. Acesso em: 6 de abr. 2019.

FOLHA. **Fumaça ideológica**. Folha de São Paulo, São Paulo, 2 de ago. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2019/08/fumaca-ideologica.shtml>>. Acesso em 2 de ago. 2019.

FOLHA (b). **Prisões e crimes**. Folha de São Paulo, São Paulo, 21 de mai. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2019/05/prisoes-e-crimes.shtml>>. Acesso em 13 de out. 2019.

FOLHA (c). **Um novo olhar sobre a cannabis**. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 de jul.2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2019/07/um-novo-olhar-sobre-a-cannabis.shtml>>. Acesso em: 20 de jul. 2019.

FOLHA (d). **Psicólogo que trabalha com redução de danos em Portugal critica política de drogas**. Folha de São Paulo, São Paulo, 6 de jun.2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/06/psicologo-que-trabalha-com-reducao-de-danos-em-portugal-critica-politica-de-drogas.shtml>>

FOLHA (e). **Em estudo que governo engaveta, álcool preocupa mais que crack**. Folha de São Paulo, São Paulo, 23 de abr. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/claudiacollucci/2019/04/em-estudo-que-governo-engaveta-alcool-preocupa-mais-que-crack.shtml>>. Acesso em: 23 de abr. 2019.

FOLHA (f). **Fiocruz é autorizada a divulgar estudo censurado sobre uso de drogas**. Folha de São Paulo, São Paulo, 8 de ago. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/08/fiocruz-e-autorizada-a-divulgar-estudo-censurado-sobre-uso-de-drogas.shtml>>. Acesso em: 8 de ago. 2019.

FOLHA (g). **Toffoli desmarca debate sobre descriminalização do porte de drogas.** Folha de São Paulo, São Paulo, 30 de mai. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/05/toffoli-desmarca-debate-sobre-descriminalizacao-do-porte-de-drogas.shtml>>. Acesso em 30 de mai. 2019.

FOLHA (h). **Anvisa propõe plantio de maconha em locais fechados e com acesso controlado por biometria.** Folha de São Paulo, São Paulo, 11 de jan. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2019/06/anvisa-propoe-aval-a-plantio-de-maconha-em-locais-fechados-e-com-acesso-regulado-por-biometria.shtml>>. Acesso em 13 de out. 2019.

FOLHA (i). **Cannabis ganha destaque em feira de varejo em SP.** Folha de São Paulo, São Paulo, 28 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://cannabisinc.blogfolha.uol.com.br/2019/08/28/cannabis-ganha-destaque-em-feira-de-varejo-em-sp/>> Acesso em 13 de out. 2019

FOLHA (j). **Magistrados dizem que STF deve descriminalizar ao menos o porte da maconha.** Folha de São Paulo, São Paulo, 27 de maio de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2019/05/magistrados-dizem-que-stf-deve-descriminalizar-ao-menos-o-porte-da-maconha.shtml>>. Acesso em 13 de out. 2019

FOLHA (l). **Fiocruz é autorizada a divulgar estudo censurado sobre uso de drogas.** Folha de São Paulo, São Paulo, 8 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/08/fiocruz-e-autorizada-a-divulgar-estudo-censurado-sobre-uso-de-drogas.shtml>>. Acesso em 13 de out. 2019

FOLHA (m). **Planalto é contra proposta da Anvisa de dar aval a cultivo de maconha.** Folha de São Paulo, São Paulo, 19 de junho de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2019/06/planalto-e-contra-proposta-da-anvisa-de-dar-aval-a-cultivo-de-maconha.shtml>>. Acesso em 13 de out. 2019

INTERCEPT. **Guerra à pesquisa.** The Intercept Brasil, 1 de abr. 2019. Disponível em <<https://theintercept.com/2019/03/31/estudo-drogas-censura/>>. Acesso em: 1 de abr. 2019.

LEMGRUBER, J.; FERNANDES, M. 2015. **Tráfico de drogas na cidade do Rio de Janeiro: Prisão provisória e direito de defesa.** *Boletim Segurança e Cidadania*, n. 17, 2019.

MASSARANI, L., RAMALHO, M. (org.). **Ciência em telejornais: uma proposta de ferramenta para análise de conteúdo de notícias científicas.** Monitoramento e capacitação em jornalismo científico: a experiência de uma rede ibero-americana, 1ª edição, Rio de Janeiro, Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal), 2012.

MEDEIROS, F, RAMALHO, M., MASSARANI, L. **A ciência na primeira página: análise das capas de três jornais**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 17, n. 2, p. 439-454, 2010.

NISBET, Matthew; BROSSARD, Dominique; KROEPSCH, Adrienne. **Framing science: the stem cell controversy in na age of press/politics**. The Harvard International Journal of Press/Politics, New York, v.8, n.2, p.36-70. 2003.

NOTO, A. *et al.* **Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas**. Cadernos de Saúde Pública, v. 19, no.1, p.69-79, 2003.

O ESTADO de São Paulo. **Bolsonaro sanciona lei que permite internação de dependente químico sem consentimento**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 6 de jun. 2019. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,com-variados-vetos-bolsonaro-sanciona-lei-antidrogas,70002858546>>. Acesso em: 13 de out. 2019.

O GLOBO. **Empresários levantam investimentos à espera de um mercado medicinal de maconha no Brasil**. O Globo, Rio de Janeiro, 5 de jun. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/empresarios-levantam-investimentos-espera-de-um-mercado-medicinal-de-maconha-no-brasil-23651901>>. Acesso em: 5 de jun. 2019.

O GLOBO (b). **Brasil é mais conservador que média global na legalização da maconha**. O Globo, Rio de Janeiro, 15 de jun. 2019. Disponível em:<<https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-mais-conservador-que-media-global-na-legalizacao-da-maconha-23742379>>. Acesso em: 15 de jun. 2019.

O GLOBO (c). **Pesquisa sobre drogas da Fiocruz é liberada após acordo com o governo**. O Globo, Rio de Janeiro, 8 de ago. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/pesquisa-sobre-drogas-da-fiocruz-liberada-apos-acordo-com-governo-23863422>>. Acesso em: 8 de ago. 2019.

O GLOBO (d). **STF decide que importar semente de maconha não é crime**. O Globo, Rio de Janeiro, 14 de mai. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/stf-decide-que-importar-semente-de-maconha-nao-crime-23664858>>. Acesso em 14 de mai. 2019.

O GLOBO (e). **Presidente da Anvisa diz que sociedade deve decidir sobre cannabis medicinal**. O Globo, Rio de Janeiro, 31 de jul.2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/presidente-da-anvisa-diz-que-sociedade-deve-decidir-sobre-cannabis-medicinal-23845995>>. Acesso em: 31 de jul. 2019.

O GLOBO (f). **Estudo da Fiocruz engavetado pelo governo revela que consumo de opiáceos é maior do que de crack no Brasil**. O Globo, Rio de Janeiro, 1º de jun. de 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/estudo-da-fiocruz-engavetado-pelo->



[governo-revela-que-consumo-de-opiáceos-maior-do-que-de-crack-no-brasil-veja-integra-23711279](#)>. Acesso em: 31 de jul. 2019.

O GLOBO (g). **Ideologia contamina o tema das drogas**. O Globo, Rio de Janeiro, 31 de maio de 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/ideologia-contamina-tema-das-drogas-23707131>>. Acesso em: 31 de jul. 2019.

O GLOBO (h). **As vozes por trás do debate sobre maconha medicinal**". O Globo, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/as-vozes-por-tras-do-debate-na-anvisa-sobre-cannabis-medicinal-23884380>>. Acesso em: 13 de out. 2019.

O GLOBO (i). **Anvisa deve regulamentar produção medicinal da cannabis até novembro**. O Globo, Rio de Janeiro, 9 de julho de 2019. Disponível em O GLOBO, 2019i) <<https://oglobo.globo.com/sociedade/anvisa-deve-regulamentar-producao-medicinal-da-cannabis-ate-novembro-23794653>>. Acesso em: 13 de out. 2019.

O GLOBO (j). **Consulta pública sobre cannabis medicinal recebe 1.154 sugestões**. O Globo, Rio de Janeiro, 9 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/consulta-publica-sobre-cannabis-medicinal-recebe-1154-sugestoes-23891043>>. Acesso em: 13 de out. 2019.

SOUZA, Y.; SANTOS, M.; ALÉSSIO, R. **Maconha e Representações sociais em Matérias de Jornal**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 34, 2018.